

FAISCA: FEIRA AGROECOLÓGICA DE INCLUSÃO SOCIAL, CULTURA E ARTES

Área temática: Meio Ambiente

Stephani Talia Nardoni Venâncio¹; Andreia C. P. Rodrigues da Costa²; Alessandro Faria Araújo³; Max Emerson Ricki⁴

¹Discente do curso de Medicina Veterinária

²Servidor Docente Agronomia UEM

³Bolsista do projeto, contato: alepetpop@gmail.com

⁴Zootecnista DMV-UEM

Resumo: *Iniciada com a finalidade de atender apenas os empreendimentos assessorados pela IEES/CAU/UEM a FAÍSCA ganhou visibilidade social ao proporcionar um espaço acessível e agradável a população, além de inserir no mercado regional produtos orgânicos asseguradamente livres de agrotóxicos.*

Palavras-chave: *trabalho - sustentabilidade - ecologia*

Introdução

A FAISCA, Feira Agroecológica de Inclusão Social, Cultura e Artes consolida o trabalho de dez anos de incubação que envolveu assessorias e cursos técnicos realizados pela Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários da Universidade Estadual de Maringá, campus de Umuarama, em municípios das microrregiões de Umuarama e Cianorte, noroeste paranaense. Apesar da grande produção agrícola e artesanal, pequenos produtores ou mesmo grandes cooperativas de assentados sofriam fortes entraves estruturais e institucionais para comercialização de seus produtos. Assim, a FAISCA surge com o objetivo maior de escoar esta grande produção, assumindo o compromisso de expor produtos livres de agrotóxicos, projetos sustentáveis de inclusão social com geração de renda, e inovar com apresentações culturais para a comunidade.

Materiais e métodos

De uma forma geral, as feiras livres acontecem em vias ou espaços públicos, dispostas ao ar livre e com instalações provisórias, relacionando diretamente o produtor ao consumidor final. Notoriamente, permite a escolha, manuseio ou mesmo a experimentação do produto, seguindo o formato de venda do varejo tradicional, onde mesmo com preços mais acessíveis, ainda proporciona um espaço de barganha dos produtos, dado que estes produtos também estão livres dos impostos do comércio formal, se constituindo num dos mais importantes meios de consolidação econômica e social a agricultura familiar (COELHO, 2009).

Dentro da ‘zona V’ da cidade de Umuarama, em uma parte relativamente central, localizada numa avenida de tráfego intenso durante a semana, na parte traseira do estádio municipal, o espaço coberto de feira se estende por mais de 150 metros, com uma marquise 10 metros, atingindo, aproximadamente, 2.400 m² de área coberta. A FAISCA foi oficializada aos sábados porque há outras feiras-livres na cidade de terça a domingo, sendo que as segundas-feiras são dias de descanso dos feirantes. Procuramos iniciar a feira nas tardes de sábado, após as 16:00 horas, dado que alguns produtores ou

familiares trabalhavam de segunda a sábado e, como abrigamos apresentações culturais e acadêmicas, devido ao calor intenso da região, tínhamos maior conforto térmico no final da tarde. Mesmo não precisando de barracas cobertas, precisávamos de expositores e, num momento crucial quando era urgente levantarmos a estrutura da feira, o Uopecan, Hospital de Câncer de Cascavel, qual estava abrindo uma filial na cidade, doou madeiras utilizadas nas caixas de transportes dos grandes aparelhos comprados. Assim, não tivemos menos trabalho nos cinco mutirões que integraram assentados, produtores locais, alunos, bolsistas e docentes da região, para construir os balcões de exposição de produtos com madeiras das caixas de transporte dos aparelhos médicos doadas pelo hospital.

A forte integração dos empreendimentos e o acesso semanal aos bolsistas, coordenação, técnicos incubadores ou voluntários, facilitou e incrementou o método dialógico-participativo (CULTI, 2011) de incubação, possibilitando encaminhar pesquisas sobre o caráter interinstitucional da feira, sobre o apoio irrestrito da mídia local, e entrevistas de satisfação com usuários e empreendimentos da feira.

Resultados e discussão

Inaugurada em 29 de agosto de 2015, integrando produtores de Mariluz, Xambrê, Serra dos Dourados, Maria Helena e Umuarama, a FAISCA completou 3 anos aos 25 de agosto de 2018, e chega até o final de outubro deste ano com 164 versões semanais, praticamente ininterruptas, somando à produção agroecológica e artesanal 281 atrações estritamente solidárias, divididas em 80 apresentações de música solo, 93



grupos musicais, 15 espetáculos de dança e 10 teatrais (Figura 1).

FIGURA 1: Apresentação cultural do grupo de viola caipira - junho de 2019

Pelo menos 15 exposições de arte, 11 rodas de conversa temáticas, 8 painéis acadêmicos e mais 49 atividades como oficinas, workshops ou intervenções de ONGs, eventos de grupos coletivos e movimentos sociais, festivais de bebidas ou o encontro de economia solidária, campeonato de bets, eventos que se fossem pagos demandariam mais

de 150 mil reais em custos (Figura 2).

FIGURA 2: Apresentação de painéis universitários - junho de 2019



A feira atingiu um público total de aproximadamente 100 mil pessoas, expondo até 70 toneladas de alimentos, acumulando para os empreendimentos incubados e expositores agregados quase 200 mil reais em retorno financeiro. Extrapolando em reciprocidade e solidariedade toda a estrutura acadêmica e extensionista da incubadora universitária ao articular uma plataforma inclusiva de empreendimentos socioculturais, qual transformou a FAISCA, ainda no primeiro ano, no ‘espaço democrático de divulgação da cultura de Umuarama’ (OBEMDITO, 2015) e região.

Conclusões

A FAISCA ‘acesa’ afirmou-se publicamente como uma plataforma extensionista de inclusão social e permanente apresentação de projetos acadêmicos e interinstitucionais, sistematicamente transdisciplinar e intersetorial, com ações afirmativas de segurança alimentar e nutricional, logística reversa, saúde do corpo e saúde mental, além do espaço de difusão de estratégias em redução de danos, tolerância

e respeito à diversidade humana e ambiental. Notavelmente, a maior feira agroecológica universitária do país, ainda absorveria um significativo contingente sociocultural desassistido de políticas públicas municipais e sem visibilidade na comunidade, quais passariam a integrar a feira como os pequenos produtores rurais que nunca haviam conseguido expor em feiras locais. Eram, portanto, associações de artesãos não formalizadas, entidades assistenciais, grupos de vulnerabilidade social, movimentos coletivos feministas, movimentos de identidade como grupos afro ou de gênero, além da grande diversidade de artistas e músicos da região, sem um palco para suas apresentações, exposições ou tragédias, enfim expostos à comunidade. Foi esta interinstitucionalidade e abertura à mídia e à população regional que a tornou um espaço notabilizado e diferencial, articulando projetos institucionais privados ou particulares, individuais ou coletivos, acadêmicos ou não, mas, sobretudo, efetivando um contato único com a comunidade em geral e, desta forma, concretizando de forma inovadora e propositiva o dever da universidade em unir em uma mesma plataforma universitária, ensino, pesquisa e extensão.

Referências

COÊLHO, Jackson D.; PINHEIRO, José C. V. **Análise das formas de governança dos feirantes que atuam nas feiras livres de Cascavel e de Ocara, no Ceará.** Porto Alegre: UFC, 47º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2009, pg. 02

CULTI, Maria Nezilda (Org.). **Incubadora universitária de empreendimentos econômicos solidários: aspectos conceituais e praxis do processo de incubação.** Maringá: MDS/PRONINC, UEM/Núcleo/Incubadora/Unitrabalho, 2011, pg. 36.

OBEMDITO. **Faisca: espaço democrático de divulgação da cultura de Umuarama.** Plataforma digital. 23/05/2016.